

QUARTO DOMINGO NA QUARESMA

10 DE MARÇO DE 2024

NÚMEROS 21.4-9

Temas: salvação / resgate / cura; misericórdia e graça de Deus; pecado; obra de Cristo; peregrinação.

Os textos do dia:

Salmo 107.1-9: Extraordinário salmo em louvor à libertação de Deus e a sua misericórdia para com a caravana que peregrina cansada no deserto. O cantor conclama apaixonadamente que seus leitores deem graças a Deus. A gratidão possui uma razão clara de ser: “porque o Senhor é bom”. Essa bondade será revelada ao longo do salmo, intercalada por sucessivas vinhetas. Especificamente na perícope do dia, duas ações divinas são destacadas: o resgate das mãos do inimigo e conseqüente reunião do povo de Deus (v.2-3) e o cuidado, direção e salvação no percurso rumo ao lar (v.4-9).

Eféios 2.1-10: Texto paulino bastante conhecido pela igreja e particularmente valorizado na tradição luterana, sobre a natureza do ser humano e a natureza de Deus. A natureza do ser humano, a priori, é vista sob o prisma de seu pecado, que o tornou morto espiritualmente, cativo aos caminhos do mundo caído e do seu príncipe maligno, e merecedor da justa ira divina. A natureza de Deus é apresentada a partir do versículo 4, em uma clara ode à sua rica e suprema misericórdia, que causa o Senhor a salvar o ser humano, através da obra de Jesus Cristo. Este ser humano resgatado por pura graça divina, mediante a fé, se torna nova criatura, capacitado à uma nova vida santificada, através do caminhar em boas obras, também preparadas por Deus para ele.

João 3.14-21 – Outro texto extremamente conhecido e precioso para a igreja, a perícopes relata o discurso conclusivo de Jesus em sua conversa com Nicodemos. Após um sucessivo intercâmbio de perguntas e respostas, o monólogo que começa no versículo 11, faz referência à história da serpente no deserto (v.14-15), episódio interpretado tipologicamente por Cristo e que serve como ponto de partida para sua explicação do que Ele veio realizar. A missão de salvação do mundo é esclarecida nos versículos 16 e 17, sempre merecedores de atenção e destaque, e o resultado de sua vinda para os homens é detalhado nos versículos 18-21.

Texto da mensagem: Números 21.4-9

Contexto: O povo de Israel está peregrinando no deserto. Foram libertados por Deus da escravidão no Egito, receberam os mandamentos e estão se preparando para entrar na terra prometida. A viagem demora muito mais do que o previsto. 40 anos passaram. Muita água rolou por debaixo da ponte. A primeira geração já está ficando pelo caminho. Inclusive alguns dos protagonistas já morreram. Do triunvirato, Moisés, Arão e Miriam, dois terços se foram. Só Moisés sobrou. E ele acaba de ouvir que também não vai viver mais muito tempo.

V.4a: *Então os israelitas partiram do monte Hor, pelo caminho do mar Vermelho, para rodear a terra de Edom.* O começo do versículo 4 estimula a uma pesquisa histórico-isagógica para situarmos o evento. É hora de levantar acampamento e despedir-se do monte Hor. E dessa vez, a perspectiva da caminhada é a melhor possível. A fase de andar em círculo ficou supostamente para trás, e o endereço de Canaã já foi colocado no GPS. Quando lembramos o Êxodo do povo desde sua saída do Egito, o começo do versículo 4 de Números 21 traz um certo alento para o leitor envolvido na história. Parece que finalmente, depois de tudo o que já aconteceu com os hebreus desde que foram libertos, a peregrinação seguirá sem

percalços. Mas esse sentimento não durará nem até o final do versículo, pois Edom não lhe dá passagem por seu território.

Vs.4b-5: *Mas o povo se tornou impaciente no caminho e falou contra Deus e contra Moisés, dizendo: — Por que vocês nos tiraram do Egito, para que morramos neste deserto, onde não há pão nem água? Já estamos enjoados dessa comida ruim.* Desde a libertação da escravidão até aqui, a cada passo da longa jornada Deus cuidou e proveu para a caravana. Mas a nova geração repete os erros da anterior. De novo, ouvem-se queixas no deserto. É a 14ª vez que o povo reclama, de acordo à contagem de alguns comentaristas. Sim, você leu certo. 14ª! E será a última até chegarem à terra prometida. “*Mas o povo se tornou impaciente*” (הָעָם גִּפְּשָׁה וַתִּקְצַר). Literalmente: “*a alma do povo se tornou extremamente desalentada*”. O alvo da queixa chega aos céus agora. As reclamações anteriores eram dirigidas a Moisés apenas. Ou contra Moisés e Arão. Dessa vez, eles subiram de tom e falam contra Moisés e contra Deus (*Elohim*). Talvez isso explique, em parte, porque Deus reagiu como reagiu. O gatilho para despertar a impaciência do povo pode ter sido a necessidade de se fazer um desvio no caminho, encompridando consideravelmente a distância. Tal qual um incidente no trânsito que congestionava o tráfego à frente e obriga o GPS a recalcular a rota adicionando tempo e quilometragem ao percurso. Não estava nos planos o rodeio da terra de Edom. A queixa tem como foco a “comida ruim” (בְּלֶחֶם הַקֶּלֶקֶל). Em hebraico o pão é ironicamente chamado de “leve”. Pode ser pelo fato de não trazer a “sustância” desejada ou pelo fato de o maná ter sido milagrosamente absorvido pelo corpo (e não requerer ser excretado). Um comentarista explica que pela mente dos hebreus passava o seguinte: “Esse maná, mais cedo ou mais tarde, vai inchar em nossos estômagos, pois quem é capaz de passar tanto tempo ingerindo alimento sem ter que expeli-lo?”.

V.6: *Então o Senhor mandou para o meio do povo cobras venenosas, que mordiam o povo; e morreram muitos do povo de Israel. O acampamento é*

infestado por serpentes venenosas. Em hebraico as serpentes são chamadas de *ardentes* (הַשָּׂרָפִים). Um viés de explicação entende que “*ardentes*” tem a ver com a coloração da pele das víboras encontradas na região (algo como manchas “avermelhadas” que projetaria certa luminosidade no tom). Esta opção não apenas faz justiça a fauna local, como também possibilitaria uma conexão com um possível reflexo que mais tarde seria visto no brilho ardente da serpente de bronze. Outra explicação interpreta na palavra *ardentes* uma alusão ao veneno ou ao efeito do veneno no corpo da pessoa picada. Aqueles que eram mordidos teriam sofrido de um inflamado inchaço que levava a uma febre e até mesmo a uma possível sede insaciável, uma queimação por dentro que acabava em morte. Uma explicação não exclui necessariamente a outra.

V.7: *Então o povo foi a Moisés e disse: — Nós pecamos, porque falamos contra o Senhor Deus e contra você. Ore ao Senhor, pedindo que tire de nós as cobras. Então Moisés orou pelo povo.* Alguns comentaristas vêm aqui um sinal de uma melhora na atitude desta geração com relação à primeira. Aparentemente foram mais diligentes em expressar arrependimento e confessar seu pecado. Pode ser. Porém, devemos notar que o pecado cometido também pode ter sido mais grave que o da geração anterior (o fato da queixa ter sido dirigida contra Deus). A apelação é dirigida a Moisés, quem novamente, fielmente, age na função de mediador entre o povo e Deus.

Vs. 8-9: *O Senhor disse a Moisés: — Faça uma serpente e coloque-a sobre uma haste. Quem for mordido e olhar para ela viverá. Moisés fez uma serpente de bronze e a pôs sobre uma haste. Quando alguém era mordido por alguma cobra, se olhava para a serpente de bronze, ficava curado.* Em resposta à súplica de Moisés, Deus ordena que se construa uma serpente (שָׂרָפִים – literalmente, “ardente”), se a coloque em uma haste e promete cura a qualquer que olhe para ela. Moisés entendeu que deveria fazer uma serpente de bronze e assim

obedeceu. A narrativa conclui com o registro de que as pessoas foram salvas exatamente da forma como o Senhor orientou.

Comentários Homiléticos

- De inúmeras maneiras, o Antigo Testamento nos ajuda a entender a pessoa e a obra de Cristo e nossa vida como povo de Deus que peregrina nesta vida. O texto de Números 21 oferece outro exemplo disso. Desde a escolinha bíblica infantil, muitos estão familiarizados com a história, o que não deixa de ser um desafio para o pregador. E ela permanece como uma das mais queridas na catequese da igreja, muito especialmente pelo fato de Jesus ter feito referência a ela em João 3.

- A narrativa em Números 21 não é apenas uma das mais clássicas da Bíblia, mas também faz parte da cultura de vários povos, em certo sentido. A cobra enrolada no topo de um poste tornou-se quase que um símbolo universal da medicina. Não é intrigante? Logo uma serpente? Será que possui alguma relação com essa história? Vale a pesquisa, ou pelo menos o comentário. Independentemente, até pela própria referência textual a veneno e cura, o uso de vocabulário médico pode ser uma frutífera chave de leitura para se trabalhar o texto.

- Do que está se queixando o povo? Do maná. Detestam a comida que Deus milagrosamente faz cair do céu toda manhã. Detestam o que outrora agradeceram. Por muito tempo, o maná serviu. Mas com o passar dos anos, eles começam a se saturar. Quem se identifica? O versículo 5 chega a beirar o cômico e à contradição: *“Não temos comida nenhuma. Já estamos enjoados dessa comida ruim”*. Primeiro dizem que não tem comida. Depois dizem que tem, mas que estão enjoados dela. Se me permitem uma ilustração pessoal, diria que até parecem meus filhos, abrindo a geladeira aqui de casa.

- Teologicamente, a queixa se presta para uma interessante análise de lei sobre a condição do pecado. Fazendo uso da linguagem médica, poderíamos falar em sintoma de uma doença. O sintoma é a insatisfação revelada no murmúrio. Nada é bom o suficiente. Nada serve por muito tempo. Nada satisfaz. Toda gratidão que nasce em nossos corações, parece ter prazo de validade. Nenhuma alegria dura dois ou três contratempos. Os *Rolling Stones* acertaram quando disseram: “I can’t get no satisfaction”. Sempre queremos mais, mais. Mesmo quem parece ter tudo. Veja os vídeos no Youtube: celebridades, milionários, como Jim Carrey, falando sobre alcançar a glória em um minuto e a insatisfação que se segue depois de pouco tempo. Aquelas coisas que se sonha em adquirir, muitos que chegaram lá, não hesitam em afirmar: elas não preenchem... por muito tempo. O cheiro de carro novo passa. Chega-se no topo e não há satisfação. Sintoma de uma doença.

- A doença é antiga, começou no Gênesis, onde tudo era perfeito. Até que Adão e Eva ouviram, – que curioso! –, uma serpente. Era Satanás, quem basicamente lhes provocou tocando no nervo: “Vocês têm tudo, menos uma coisa. Menos uma árvore. Não é justo! Vocês deveriam poder comer tudo, sem exceção, sem privação. Será que não é justamente essa árvore aquela que vai realmente satisfazer vocês?”. E quando ocorre a queda, e o veneno espiritual da serpente passa pelos corações dos primeiros seres humanos, começa a “*ardência*”. A sede consumidora, o descontentamento impossível de ser saciado. O que estava acontecendo com o veneno das serpentes lá no acampamento poderia ser um retrato do veneno que Satanás havia plantado no coração de cada ser humano. O relativo menor e curável veneno das serpentes do deserto era um sinal de um veneno mais grave, que uma serpente muito maior infiltrou em nossas almas.

- Continuando na apropriação do vocabulário médico, o pregador pode falar em como Deus agiu para providenciar a cura para o povo no deserto e para as pessoas hoje. Primeiro, pode-se abordar a lei que chama o pecador ao arrependimento como um tipo de *tratamento terapêutico*, que começa com um *remédio amargo*. Nem sempre Deus faz uso da disciplina, de um sofrimento nesta pedagogia, mas a Bíblia diz que Deus disciplina seus filhos porque os ama, e quando não há outra saída para nos fazer reagir, acordar, confessar, buscar ajuda, Deus pode bem permitir que serpentes apareçam no deserto, metaforicamente falando. Se para evitar a morte eterna de seus filhos, Deus tiver que permitir algum problema momentâneo, Ele pode fazer. Quando o povo não escuta e despreza a pedagogia do amor, o tratamento pode ter na receita um antibiótico amargo. Uma picada de injeção. Na história, foi necessário e deu resultado. Vejam como o povo, ao sentir na pele, se deu conta. Trocaram a reclamação por uma confissão. *Pecamos contra Moisés e contra o Senhor*.

- Ainda sobre esse tratamento, outro detalhe fecundo para uma observação homilética. Primeiro as serpentes que picavam. Depois Moisés para interceder. E por último, Deus diz a Moisés, algo esquisito, contra-intuitivo: “*crie uma imagem daquilo que está matando a todos, faça uma serpente de bronze. Coloque-a num poste levantado e ordene todos olharem para ela*”. A ideia tinha, de um ponto de vista humano, tudo para dar errado. Primeiro, porque ela não funciona psicologicamente. A nossa mente não se sensibiliza com a ideia de procurar ajuda na representação exata daquilo que está nos matando. É desmoralizante. Também apresentava problemas no campo teológico do povo hebreu. Porque a serpente rememorava o Gênesis e lembrava a queda, o pecado. Era também um animal considerado “impuro” na categoria dada em Levítico, impróprio para o consumo. O tratamento de Deus não parecia fazer sentido.

- Nós, luteranos, podemos ver neste tratamento contra-intuitivo, um sinal da teologia da cruz. Um sinal do Deus oculto, que trabalha por meios contrários

ao que esperamos. Avesso ao que gostaríamos. O povo sofre com serpentes e Deus lhes dá uma serpente de bronze como cura. A gente pede paz e Deus nos dá calamidades. Pedimos saúde e Deus nos dá um câncer. Pedimos dinheiro e Deus nos dá uma fase desempregados. Pedimos por glória, e ganhamos uma cruz. Pedimos por milagres materiais e Deus nos diz “pegue e coma, isto é o meu corpo”. Lágrimas. Silêncios. Decepções. Aflições. Seriam eles sinais não da ausência de Deus, mas pelo contrário, de bênçãos escondidas, gestos de amor não tão perceptíveis, embora concretos, ainda assim? Seria parte de um padrão da ação muitas vezes disfarçada de Deus? Vemos isso nessa história. E vemos isso também no que essa história aponta.

- A resposta desta história é encontrada muitos séculos depois, numa noite, numa conversa. Ela é tipológica, soteriológica e cristológica. Um senhor chamado Nicodemos sabe tudo de religião, cumpre tudo o que seu livro sagrado manda cumprir, e tem uma reputação acima de qualquer suspeita. Mas aparentemente não dorme em paz. Ele tem dúvidas sobre sua salvação e procura um novo rabi com a pergunta: o que me falta? Você precisa nascer *do alto* é a resposta. E logo antes de citar um dos versículos mais conhecidos da Bíblia, (“Porque Deus amou ao mundo...”), Jesus convida o conhecedor do Antigo Testamento a lembrar de Moisés, da serpente do deserto, no alto de um poste. “O que aquilo foi, Eu sou”, praticamente diz Jesus. “Como Moisés levantou a serpente no deserto, o Filho do Homem será levantado”. O sinal da serpente era o próprio Jesus. O jeito de Deus amar e curar a doença do mundo foi Jesus cumprir Números 21 em seu lugar.

- Se o pregador quiser aprofundar essa relação ou explicá-la melhor, pode perguntar: “em que sentido Jesus é como a serpente de bronze? A resposta mais aceita é encontrada em 2 Coríntios 5.21, onde Paulo escreve: *Aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós, para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.* A serpente no poste era o ícone do mal, era um símbolo da

desgraça. Curava, mas lembrava a picada, o veneno, o sofrimento. Jesus nunca foi o mal, nunca representou o sofrimento, mas quando ele vai a cruz, Ele assume isso, ele se torna o pecado, Ele absorve toda a realidade do pecado, as consequências do pecado, em si próprio. Ele assumiu o que todos nós contaminados pelo pecado merecíamos. Ele carregou sobre si o castigo que era nosso, para que nós nunca mais precisássemos. Jesus se torna a serpente, – que é o oposto do que Ele era – para que a gente se torne o oposto do que nós éramos (Efésios 2 ajuda aqui). Ele tira todo o mal, todo o pecado, toda a imundícia da gente e nos apresenta diante de Deus como aceitáveis, como justos, como santos e prontos para desfrutar uma vida santificada. Adão e Eva foram picados pela serpente. O povo hebreu foi picado. E nós também seríamos. Mas Jesus foi, na cruz, picado no calcanhar, em nosso lugar. Para que nós possamos ter o antídoto, chamado perdão, vida e salvação.

- Uma última sugestão homilética que oferecemos seria no sentido de aproveitar um pouco o detalhe do “olhar para a serpente no alto”, que pode ser conectado ao “mediante a fé” de Efésios 2. A cura oferecida pela graça de Deus era recebida através do olhar que confiava no meio de salvação, a serpente, e Jesus, no alto. No meio de espiritualidades legalistas em que vivemos, dentro e fora da igreja e da religião, esse é um ponto extremamente consolador que merece fazer parte de um sermão evangélico luterano sobre o texto. O convite feito por Deus para que “simplesmente” olhemos. Jesus na cruz, Jesus no alto, convidando: “Olhem para mim.” Ele não disse “escalem o poste”. Se dissesse, apenas os “alpinistas” da fé / super crentes poderiam fazer, se é que eles existem (eles não existem!). Ele não disse nem mesmo “toquem no poste”. Nem se arrastar precisava. Se dissesse, uma pessoa muito enfraquecida não poderia. Apenas olhem. O remédio em Números 21 era acessado apenas com um olhar, a pessoa podia estar sozinha, a pessoa podia estar já com alucinações, não importa. Apenas olhe. É simples, porque é para todo mundo. Até para os mais fracos. Principalmente para estes. É como se Deus estivesse enfatizando, neste verbo tão

simples (“olhe”) que é pela graça, é pela fé e não por nossas obras. Muita gente tem confiado nas suas próprias obras pra salvação. Muita gente está sendo manipulada e enganada com isso. Muita gente está se sentindo pesada e culpada, como Nicodemos, não conseguindo dormir. Não precisam sofrer tanto. Podemos ajudar com a Palavra de Deus. Convidando a olhar, sempre de novo, a permanecer com os olhos fixos, no autor e consumidor da nossa fé. A vida cristã, a peregrinação, é vivida com os olhos fixos em Cristo. Recebendo dele constantemente sua graça para cada dia.

Esboço

A serpente no deserto

Introdução: Explicar a opção por tratar da história pelo viés da linguagem médica. Seja pela referência textual ao *veneno* das serpentes e a *cura* proporcionada por Deus ou mesmo pela conexão com o símbolo da serpente em uma haste ser associado com a medicina.

1. O sintoma (os pecados da queixa e da insatisfação do povo)
2. A doença (o pecado original)
3. O tratamento - Lei (as serpentes que funcionaram comum chamado ao arrependimento)
4. O remédio – Evangelho (a cura pela graciosa ação divina recebida pelo olhar em fé para Cristo crucificado)

Rev. Laerte Tardelli Voss

Lutheran Mission Society San Diego | LCMS